

EUCARISTIA: PÃO DA VIDA AMOROSO, INCLUSIVO E LIBERTADOR

Uma reflexão na perspectiva ético-social

* Prof. de Ética Teológica

Luiz Augusto de Mattos*

Resumo:

O a. retomando a teologia da Eucaristia, busca relacioná-la com as dimensões sociais e éticas da vida humana. Neste sentido, apresenta num primeiro momento, a situação dramática dos pobres e excluídos do mundo e a sua situação de injustiça estrutural. Num segundo momento, apresenta, em linhas gerais, os elementos centrais de uma teologia da Eucaristia para a seguir, relacioná-la com a ceia do Pão da Vida. Por fim, a reflexão busca relacionar Eucaristia ao sentido mais profundo de banquete, solidariedade e partilha, apresentando, ao mesmo tempo, uma crítica ao sistema econômico de mercado excludente e opressor dos mais pobres.

Palavras-chave:

Eucaristia; Eucaristia: ética; Ética: Eucaristia; Eucaristia: economia

¹ Ao tratar da Eucaristia deparamo-nos com uma pluralidade de dimensões. Temos a consciência de que não se pode separar dimensões de uma mesma realidade. *Dimensões não são partes, porque, diferentemente da relação entre as partes e o todo, as dimensões exprimem a totalidade de uma realidade específica a partir de perspectivas diversas. As distintas dimensões da Eucaristia estabelecem entre si uma relação de reciprocidade: cada uma delas implica e, ao mesmo tempo, é implicada pelas demais.* Cf. S. S. TAVARES, Eucaristia: pluralidade de dimensões na unidade do mistério. *REB*, 63 (2003), pp. 807-808.

INTRODUÇÃO

A Eucaristia que não é mesa acaba sendo pura blasfêmia.

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

A presente reflexão estudará a Eucaristia partindo da dimensão ético-social.¹ A prática desse sacramento deve afastar-

quis ficar conosco na Eucaristia, inserindo nesta sua presença sacrificial e comensal a promessa de uma humanidade renovada pelo seu amor. É significativo que, no lugar onde os Sinópticos narram a instituição da Eucaristia, o evangelho de João proponha, ilustrando assim seu profundo significado, a narração do 'lava-pés', gesto este que faz de Jesus mestre de comunhão e de serviço (cf. Jo 13,1-20). O apóstolo Paulo, por sua vez, qualifica como "indigna" de uma comunidade cristã a participação na Ceia do Senhor que se verifica em um contexto de discórdia e de indiferença pelos pobres (cf. 1Cor 11,17-22.27-34).⁹

A Igreja não pode negar ou trair a Eucaristia como memorial da morte do Senhor e das razões pelas quais Ele foi morto e continua sendo assassinado em muitos corpos. Por isso, uma Igreja hoje, situada e datada na América Latina, que desse o braço a torcer diante das pressões neo-conservadoras e minimizasse o seu vigor profético contra as injustiças estruturais da sociedade, e enfraquecesse sua opção preferencial pelos pobres, seria, sem dúvida alguma, *uma Igreja traidora do memorial do Senhor, indigna de ser fruto da Eucaristia.*¹⁰

Nossa reflexão procurará mostrar a importância de viver no atual contexto de globalização neoliberal hegemônica e excludente, no nível pessoal, comunitário e social, uma experiência eucarística a partir de uma conexão íntima e responsável entre o que se vive e o que se celebra, entre o que se constata e o que se pode fazer desde a dimensão ética e sócio-comunitária da Eucaristia.

1. A REALIDADE: EXPROPRIAÇÃO DO PÃO DOS POBRES

Entender como se estrutura a atual realidade social exige, entre outras coisas, perceber como é vivida pelo povo a experiência do pão, ou melhor, do não-pão. Pão quer significar aqui aquilo que é produto do trabalho do povo e deveria sustentar a sua vida, enfim, pão é uma necessidade fundamental, sem ele a vida morre. Sem uma ética do pão é complicado falar do direito à vida digna e justa. Por isso, falar de *empobrecimento* e *exclusão* é também falar de não acesso a esse alimento universal e salutar, da não oportunidade de poder produzi-lo e tê-lo garantido como comida boa e dignificante, por isso não chance de matar a morte e dar vida à vida; tudo isso vivido por aqueles que são considerados insignificantes, inaproveitáveis pela lógica dos que roubam o pão ou vivem uma produção injusta dele.¹¹

Pensar no atual processo civilizatório excludente, responsável pela presente crise sócio-histórica, implica aprofundar o conhecimento do modo como o mesmo organizou a produção

⁹ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, n. 20. Interessante perceber que a nota 26 da encíclica cita um texto de João Crisóstomo — *Homilias sobre o Evangelho de Mateus*, 50, 3-4 — muito relevante para se entender a dimensão ético-social da Eucaristia. [...] *De que serviria, afinal, adornar a mesa de Cristo com vasos de ouro, se ele morre de fome na pessoa dos pobres? Primeiro dá de comer a quem tem fome, e depois ornamenta a sua mesa com o que sobra.*

¹⁰ Cf. A. HADDAD, *A Eucaristia no bojo da injustiça estrutural. VIDA PASTORAL*, 123 (1985), p. 12.

¹¹ *Evidentemente, não existe pobre sem rico. A pobreza do pobre é um efeito do pecado do rico: o despojamento do fruto de seu trabalho, e mesmo 'o pobre em espírito' (e não o pobre em intenção) não existe se não existe um rico, um pecador, um dominador diante do qual esse pobre deve suportar a humilhação, perseguição, dor por seus irmãos, os pobres.* E. DUSSEL, *Puebla: relações entre ética cristã e economia. CONCILIIUM*, 160 (1980), p. 1313 (grifo nosso).

e a distribuição dos bens necessários à vida dos povos. Logicamente, o paradigma que dinamiza a realidade societária é estruturado pela política econômica do mercado totalitário, o que leva a entender por que os elementos axiais que dão sentido e vitalidade à dinâmica societária são a eficiência, a concorrência, a competitividade, o lucro, o consumo mimético. Inclusive ocorre uma transcendentalização do mercado, a qual exige para o sofrimento, a pauperização e a morte de milhões de seres humanos.¹²

Tudo leva a concluir que a manutenção do padrão de vida da elite e dos setores médios só é possível mantendo a exploração e a exclusão da grande maioria da população. As mortes precoces, violentas, injustas e impostas aos pobres são justificadas pelo sistema capitalista neoliberal como sacrifício necessário.

*As elites e os setores médios dos países pobres só conseguem realizar o seu desejo de imitar o padrão de consumo das elites dos países ricos na medida em que aumentam a taxa de exploração sobre os mais pobres e diminuem gastos nas áreas sociais, gerando uma divisão no interior do país entre os incluídos nesse novo mercado global e os excluídos. Na medida em que a pressão da economia capitalista global e os desejos de imitação do padrão de consumo empurram os processos econômicos e sociais nessa direção da homogeneização do padrão de consumo e da busca frenética de mais consumo, as crises sociais e ambientais se agravam.*¹³

A negação, o roubo do pão dos pequenos, fracos e pobres se torna condição *sine qua non* para que uma minoria da humanidade tenha a ostentação, o privilégio e a riqueza que escandaliza o mundo.

Negar o pão, que é o mais elementar e universal de todos os alimentos, é tornar o sistema econômico insustentável. Se o mundo quer e sonha com um desenvolvimento sustentável é preciso saber que *na luta pela criação de uma sociedade mais justa e sustentável social e ambientalmente, o tema da satisfação das necessidades básicas dos pobres ocupa um lugar central. Pois nenhuma sociedade pode ser considerada justa e socialmente sustentável se uma parte importante da população não consegue satisfazer as suas necessidades básicas*, afirma Mo Sung. E completa:

A definição do que é a necessidade não é algo tão simples. Para analisarmos essa questão, vamos tomar um texto da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: 'Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. [...] Para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso que todos tenham

¹² Cf. H. ASSMANN — F. HINKELAMMERT, *Idolatria do Mercado*. Petrópolis, vozes, 1989; J. MO SUNG, *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis, Vozes, 1998.

¹³ Cf. J. MO SUNG, Economia e espiritualidade: por um outro mundo mais justo e sustentável. *CONCILIUM*, 308 (2004), pp. 118-119.

atendidas as suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma melhor. Padrões de vida que estejam além do mínimo básico só são sustentáveis se os padrões gerais de consumo tiverem por objetivo alcançar o desenvolvimento sustentável a longo prazo. Mesmo assim, muitos de nós vivemos acima dos meios ecológicos do mundo, como demonstra, por exemplo, o uso das energias. As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar'.¹⁴

¹⁴ Idem pp. 122-123.

Todo sistema estruturante de uma sociedade tem que garantir pelo menos o mínimo básico para a reprodução justa da vida corporal. Ademais, todo ser humano na atual conjuntura sócio-cultural só recebe identidade, reconhecimento e pertença a uma comunidade ou a um grupo a partir de ter garantida a satisfação das necessidades básicas. Um indivíduo garante cidadania pelo consumo, ou como se diz: *consumo... logo existo*.¹⁵

¹⁵ Cf. A. CORTINA — I. CARRERAS, *Consumo... luego existo. CRISTIANISMO Y JUSTICIA*, 123 (2004).

No entanto, na humanidade há milhões de pessoas que não têm acesso ao pão. O maior escândalo no final do século XX foi constatar a existência de, pelo menos, 800 milhões de famintos entre os 6 bilhões de habitantes do Planeta. Na América Latina morrem de fome, a cada ano, cerca de 1 milhão de crianças com menos de 5 anos de idade, das quais 400 mil são brasileiras. O Brasil tem 50 milhões de pessoas em situação de indigência; os 10% mais ricos no país 'possuem renda média equivalente a 17,60 salários mínimos de 1999, ou seja, um total de R\$ 2.400'. Enquanto os 40% mais pobres têm uma renda média de 0,94 do salário mínimo (R\$ 127,30). Adriano Sella ainda constata:

O relatório de 2001 do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano, da ONU), revelou que, apesar da melhora do Brasil no ranking da pobreza, aumentou a proporção de pobres. Em 1999, 9% da população brasileira, cerca de 15,1 milhões de pessoas, viviam apenas com até 1 dólar por dia (os considerados miseráveis) e 22% da população (37 milhões de pessoas, ou seja, uma em cada 5 pessoas) estavam abaixo da linha de pobreza, enquanto em 1998 os miseráveis eram 5,1% e os pobres 17,4%. A desigualdade de renda continua alta, segundo o PNDU: os 10% mais ricos consomem 46,7%, enquanto os 10% mais pobres ficam com o equivalente apenas de 1% do total. [...] O relatório anual do Banco Mundial que faz uma diagnose do planeta terra, também manifestou como a disparidade entre ricos e pobres

está aumentando sempre mais. Eis... alguns dados assustadores do Relatório do Banco Mundial (BIRD), edição de 1999.

- *O número de pessoas que vivem com menos de 1 dólar por dia passou de 1,2 bilhão em 1987 para 1,5 bilhão hoje (1998), e se as tendências recentes persistirem, em 2015 haverá 1,9 bilhão de pessoas nessas condições. Quase a metade da população mundial, 2,8 bilhões de pessoas, é obrigada a sobreviver com menos de 2 dólares por dia.*
- *A situação geográfica sobre o aumento do número de pessoas, de 1987 a 1999, que vivem com menos de 1 dólar por dia: Na América Latina e Caribe: 91 milhões para 110 (23,5% da população). Na África sub-saariana: de 180 milhões para 219 (39,1% da população). No Oriente Médio e África do Norte: de 10 milhões para 11 (4,1% da população). Na Europa e Ásia Central: de 2 milhões para 15 (3,5% da população). No sul da Ásia: de 480 milhões para 515 (de 43,1% da população).*
- *De 4,4 bilhões de pessoas vivendo em países em desenvolvimento, cerca de 60% não têm acesso a condições básicas de saneamento, 1/3 não sabe o que é água limpa, 25% não têm moradia adequada e 20% estão sem acesso a serviços médicos. Entre as crianças, 20% não completam 5 anos de escolaridade e não se alimentam de modo adequado.*¹⁶

¹⁶ Cf. A. SELLA, *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo, Paulus, 2002, pp. 15-17.

Os dados revelam a desigualdade social, a falta de distribuição mais justa da renda, a total ausência da *partilha*, a situação assustadora de indigência em milhões de seres humanos.

Diante desse cenário de pobreza e exclusão para 2/3 da humanidade, de crescente insensibilidade e apartação social assustadora que atravessa a humanidade, ficam as questões: o que significa celebrar a Eucaristia quando o pão econômico é negado para a maioria? Quais as exigências eucarísticas para os cristãos num mundo tão desigual e injusto? Pode oferecer como Pão Eucarístico o fruto de uma expropriação injusta em relação aos excluídos, às classes pobres e oprimidas e aos continentes explorados? A globalização neoliberal hegemônica e excludente não impede ter um pão de justiça para ser oferecido? Sem a realidade de partilha, reconciliação, solidariedade fraterna como não ser blasfemo na celebração eucarística?

2. COMENTANDO ALGUNS ELEMENTOS BÍBLICOS E A TEOLÓGICOS DA EUCHARISTIA

Importante percorrer um itinerário bíblico e teológico que coloque as bases necessárias que alicerçam a perspectiva ético-social da Eucaristia. Os elementos que serão apresentados

ajudam também a compreender a Eucaristia nessa totalidade de vida e celebração, e a constitui como a ceia do Senhor, o corpo real de Jesus.¹⁷

2.1. Banquete

Jesus, com seu senso de comunhão, encontro, comunitariedade, percebeu que a ceia, a refeição, o banquete, a festa são experiências relevantes na vida de uma comunidade e de um povo.¹⁸ A ceia do Senhor é um banquete em que não ocorre a exclusão, a falta de partilha. Pelo contrário, vive-se a experiência da inclusão, da oferta para todos. Para participar do banquete basta estar aberto ao convite e com boa vontade de se viver eucaristicamente (Lc 14,15-24). Os últimos da história são os privilegiados, sobretudo porque estão abertos ao convite — não têm nada a perder, só a ganhar. Participar da ceia do Senhor é testemunhar um Deus que se dá aos seus como comida e bebida de vida nova e salva — Ele é o *Pão da Vida* para as corporidades famélicas, discriminadas, entristecidas e exploradas. Por isso é reconhecido no banquete em que ocorre a partilha (Lc 24,30-31). Enfim, no banquete eucarístico ressalta-se a esperança de uma vida dignificada no Senhor. Por isso proclama-se a morte e a ressurreição de Cristo e se vive a expectativa de sua vinda gloriosa (1Cor 11,26).

2.2. Nova Páscoa e Nova Aliança

A Eucaristia suscita a memória pascal de Cristo. Ele é a nova páscoa para todo o Povo de Deus, ou seja, nosso Deus é promessa de vida libertada para todos. Já não se pode viver mais numa situação de cativeiro, dominação e morte. O cristianismo, ao herdar do judaísmo a ceia pascal, que faz memória do evento do êxodo no qual o Deus da Vida liberta seu povo da opressão do Egito, tem como compromisso, ao celebrar a Eucaristia, fazer memória da saída do Egito (Ex 12,39) e do sonho da Terra Prometida (Ex 6,6-8). A Eucaristia é símbolo, sinal do combate e da vitória do Povo de Deus e, ao mesmo tempo, o dom que o Pai oferece à Igreja, para que cada filho (a) de Deus esteja em condições de triunfar sobre a situação de injustiça, fome e morte indigna. E mais. Celebrar a Eucaristia, pela materialidade do pão e do vinho que simbolizam a entrega de Cristo, significa rememorar o mistério da aliança definitiva de Deus com seu Povo. Participar da Eucaristia tem a ver com o permanecer em Cristo e em sua Aliança (Jo 6,56-57; 1Cor 10,16-17). Conseqüentemente o Povo do Pai está assegurado de que jamais será abandonado, esquecido, e que a Aliança está orientada para

¹⁷ Cf. XIV Congresso Eucarístico Nacional, *Eucaristia: fonte da missão e vida solidária*. São Paulo, Paulus, 2001, pp. 10-14.

¹⁸ Algumas passagens da Escritura evidenciam o quanto Jesus privilegiou essas situações: na casa de Zaqueu (Lc 19,1-10); nas bodas de Caná (Jo 2,1-12); na multiplicação dos pães (Jo 6,1-15); na casa dos discípulos de Emaús (Lc 24,31); banquete na casa de Levi (Lc 5,29-32); a última ceia (Mc 14,17-25); a refeição depois da ressurreição (Jo 21,9-14); a parábola do Banquete (Mt 12,1-14); o banquete para o filho pródigo (Lc 15,20-24). Cf. A. HADDAD, *Eucaristia*. In *CURSO DE VERÃO*, 3 (1989). pp. 86-97.

uma Nova Páscoa onde a vida — preferencialmente dos sofredores e excluídos — tem como destinalidade a libertação integral onde o ideário de Jesus de uma vida sem fome biológica e social, com sentido de viver e com a utopia do Reino, seja cada vez mais realidade constatada no seio da humanidade;

2.3. Encarnação e memorial atualizado de salvação

¹⁹ Importante esclarecer o que se entende por memorial. O biblista José Bortolini comenta: *O memorial, em sentido bíblico, difere redondamente da idéia grega de memória. Qual é a diferença? A memória é o presente que vai em direção ao passado; o memorial é o passado que se torna contemporâneo a nós, que entra no nosso hoje e o transforma com seu poder. Entender esta diferença é de capital importância para a compreensão da Eucaristia. Ela não é memória, e sim memorial; não é recordar o passado, mas trazer o passado ao presente e atuá-lo. Jesus pede que esse gesto seja feito com o seu memorial, seja atualizado: Recordar é viver!*. Cf. J. BORTOLINI, Eucaristia sem fraternidade é comungar a própria condenação (1Cor 11,17-34). VI-DA PASTORAL, 123 (1985), p. 5.

Pela Eucaristia se vive a experiência salvífica de Deus.¹⁹ Desde o Antigo Testamento se destaca a presença viva, amorosa e salvífica de Deus no seio de seu povo (Ez 37,27), presença que não aceita escravização e opressão na história do povo (Ex 3,7-10). Na celebração eucarística essa presença de Deus se realiza em Cristo presente na Igreja — Cristo é o Deus conosco, Verbo feito carne, presencialização de salvação para todos. A encarnação do Verbo na realidade sócio-histórica, a partir da vida, do mundo e do sonho dos empobrecidos, expressou a missão de Jesus em verdadeiro processo de realização. Nesse sentido, a missão d'Ele foi realizada através da ética da proximidade, da solidariedade e da encarnação com aqueles que eram marginalizados e oprimidos, suscitando vida cheia de abundância. Por isso a Eucaristia é memorial atualizado da salvação, vale dizer, recordação ativa presente na celebração que comporta ação e elementos visíveis, por meio dos quais se atualiza o passado, inserindo a humanidade na história da salvação. O memorial cúltilo da Eucaristia torna presente as promessas de Deus, suas intervenções e sua fidelidade e as exigências dadas ao povo para se manter fiel à aliança. Nesta perspectiva, o desígnio de salvação de Deus é uma realidade antecipada na sua forma celebrativa, embora deva ser realizada pelo testemunho de vida comunitária a ser assumida pelos fiéis. Para a realização do memorial, torna-se necessário realizar a memória. Memoriza-se a páscoa de Cristo, recapitulando as intervenções salvíficas de Deus na história. Todo gesto eucarístico invoca a memória de Cristo, colocando, no altar, os sinais do sacrifício de Cristo, o pão e o vinho, o seu corpo e o seu sangue, diante do Pai e pela invocação do Espírito. A Eucaristia instituída é celebrada como gesto excelente de partilha e de entrega amorosa de Jesus ao Pai, que impulsiona os comensais à partilha da vida, à realização da fração do pão, à comunhão concretizada como sociedade participativa, economia justa, cultura comunitária e solidária, homens e mulheres novos, harmonia entre todos os seres.²⁰

²⁰ XIV Congresso Eucarístico Nacional, *Eucaristia*, op. cit., p. 14.

Penso que esses elementos bíblicos e teológicos apresentados sejam suficientes para fundamentar a perspectiva em que iremos trabalhar a Eucaristia. Urge, à luz das Escrituras e de um pensar teológico inculturado, não se esquecendo da realidade

de, ampliar a noção e a experiência eucarísticas. É importante continuar re-historicizando a Eucaristia desde as situações concretas, sobretudo onde a vida está ameaçada e desfigurada, a fim de que a partilha do pão eucarístico seja efetivamente realizada na realidade societária, abrindo *prospectivas escatológicas* de uma humanidade de mais vida plena.

3. ENFOQUE ÉTICO-TEOLÓGICO DA EUCARISTIA: JESUS PÃO DA VIDA (Jo 6,35)

Partindo da realidade e dos elementos bíblicos e teológicos vistos, a reflexão que segue deverá aprofundar em três momentos a experiência eucarística desde as perspectivas ética e teológica.

Entendo que, por considerar que Jesus é todo eucarístico, a Igreja não pode deixar de ser toda eucarística, em vista de um mundo eucarístico. O que exige ter claro que Eucaristia e amor-solidariedade se identificam. Todas as experiências de misericórdia, fraternidade, solidariedade e justiça são eucarísticas. Jesus se fez Eucaristia na entrega amorosa da vida em vista do Reino para todos — Jo 3,16. Nesse sentido, a Eucaristia tem que abrir a Igreja para a vivência agápica de Jesus.

A Igreja tem como desafio fazer a Eucaristia. Quando a Igreja se compromete numa luta a favor da defesa e promoção da vida das pessoas e de toda a Natureza, quando se coloca em sintonia e luta para garantir a causa dos pobres e excluídos, ela está fazendo realizar a Eucaristia. A Eucaristia é antecipação do Reino! Os sinais do Reino se tornam presentes nos acontecimentos que garantam mais vida justa e feliz para o Povo de Deus.

3.1. Eucaristia: Banquete da inclusão e contra a exclusão

O *banquete neoliberal* é um fato *maravilhoso* para a minoria, porque 2/3 da humanidade não é convidada. Cada dia se torna mais gritante e assustadora a fenda entre os incluídos e os excluídos na sociedade da globalização hegemônica e excludente. A fome, fruto não da falta de alimentos, como comprova Lestienne,²¹ mas sim da falta de justiça social provocada pela concentração da riqueza e do poder pelos donos do mundo, é um escândalo mundial — erradicar a fome é, hoje, um imperativo ético imprescindível. E Lestienne continua:

É um escândalo que o acesso ao alimento dependa do poder de compra. Quem tem dinheiro, come; quem não tem, morre lentamente de fome. Afirmar a autonomia da economia em relação à fome é absurdo ou, pior ainda, é um crime. É

²¹ *Há abundância de alimentos no mundo, mas mais de 800 milhões passam fome. Uma em cada sete pessoas não tem o que comer. E dois bilhões sofrem de carências alimentícias. Milhares de crianças morrem cada dia das conseqüências diretas ou indiretas de sub-alimentação permanente. As riquezas do mundo permitiriam uma situação totalmente outra. Houve alguns avanços. No século XX a produção alimentar foi maior que o crescimento populacional. Houve progressos sobretudo nos anos 70 e 80, e menos nos anos 90. Há 30 anos, 30% da população do Terceiro Mundo (então de 2,6 bilhões de habitantes) passavam fome; hoje 17% da população do TM (4,5 bi) passam fome. O problema é que os 17% de hoje são numericamente equivalentes aos 17% de 1970. Nos dez últimos anos, 32 países conseguiram reduzir o número de famintos (70 milhões a menos na China), mas a situação piorou em 67 países. (...) A sub-alimentação é grave entre as crianças, principalmente na África subsaariana e na Ásia do Sul. Mais de 180 milhões de crianças sofrem de atraso no crescimento por falta de alimentos... Cf. B. LESTIENNE, Fome no mundo. CONVERGÊNCIA, 342 (2003), pp. 477-478.*

*absurdo confiar a luta contra o crime de deixar tantas pessoas na fome ao livre jogo do mercado. Não haverá humanidade possível enquanto o flagelo da fome não desaparecer do nosso planeta. Condenar à morte todos os que não têm poder aquisitivo para comprar alimentos é uma forma perversa de Malthusianismo. É uma degradação moral e humana manter a fome de muitos enquanto outros vivem na abundância ou na opulência. A fome é a negação do direito humano o mais elementar, que é o direito de viver; deve ser combatida com todas forças. O alimento é um 'dom de Deus para todo', então 'um direito para todos'. Erradicar a fome e a miséria é um imperativo moral e ético da solidariedade mundial.*²²

²² Idem, p. 479.

²³ Também a Eucaristia pode ser expressa na linguagem do nosso tempo, em uma filosofia do nosso tempo que não seja uma filosofia do ser, mas do ato. O pão e o vinho não são coisas da mesma forma de uma pedra, de uma nuvem ou de um rio. O pão e o vinho existem só numa comunidade humana. Uma comunidade de trabalho e de troca. Do trabalho de um grão semeado ao amor do pão repartido, todo o gesto do pão nos recorda que o homem é trabalho e que o homem é amor. Há o trabalho do homem; semear o grão, moer o grão, fazer o pão. É o amor do homem no gesto de partir e repartir o pão e de distribuí-lo. 'O Cristo não está no pão, mas no pão repartido.' Não nas coisas, mas no ato de repartir. Mas nem todo o pão é repartido. Cf. R. GARAUDY, Uma poética do Cristo. In VV.AA. *A Luta e a Eucaristia*. São Paulo, Loyola, 1980, p. 75.

²⁴ Cf. I. BUYST, O sacramento da eucaristia, raiz e centro da comunidade cristã. In BUYST, I. — FRANCISCO, M. J., *O mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo, Siquem/Paulinas, p. 40. Parece oportuno recordar que o pão (realidade imanente) torna presente algo que não é o pão (realidade transcendente), ou seja, o transcendente irrompe dentro do imanente. Nesse sentido, ao falar do pão partilhado pode-se intuir, por exemplo, a viabilidade de uma convivência humana ou social mais humanizada. Cf. L. BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis, Vozes, 2004, pp. 28-30.

Aprofundar a temática da Eucaristia implica ir ao encontro das atitudes de Jesus o qual quer que todos e todas participem do banquete, sem exclusão de ninguém (1Tm 2,4-6). Falar da Eucaristia é falar da fração do pão (fração do pão designava a Eucaristia nas comunidades primitivas — cf. At 2,46; 20,7). Esse gesto exige que se use pão que possa ser partido e repartido entre todos; dessa forma é manifestado o sentido comunitário e eclesial da eucaristia: não recebemos cada um(a) um pão inteiro, mas um pedaço do pão fragmentado, para juntos formarmos um só Corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,16-17). Paulo insiste na partilha igualitária para que ninguém passe fome; pois, se não agirmos desta forma, estaremos comendo e bebendo nossa própria condenação (cf. 1Cor 11,17-34). Ou seja, a celebração inclui um compromisso ético de partilha solidária para que ninguém passe necessidade. Eucaristia é partir e repartir o pão, porque no repartir o pão se partilha Deus.²³ Não é à toa que, em toda a tradição cristã, a Eucaristia vem relacionada com os relatos da multiplicação dos pães. A fração do pão é profecia de um mundo sem fome, de uma sociedade igualitária. Não se trata de dar as sobras aos pobres, mas de implantar um sistema econômico 'solidário' que garanta a partilha dos bens.²⁴ Na verdade Jesus, o Pão da Vida, é também Pão inclusivo — o que faz com que todos os seres humanos sejam pão para todos — em outro sentido, é transformar a própria vida, a política social, as instituições, a dinâmica das comunidades cristãs a serviço de vida e de nutrição para os outros, fazendo-se banquete e hospitalidade para todos. A Eucaristia convoca o Povo de Deus à experiência da verdadeira religião (Tg 1,27).

A experiência eucarística de Jesus está dentro da tradição profética (Mt 12,7; Os 6,6). O problema não é o culto em si, mas quando o mesmo serve de alibi para encobrir a injustiça social, a discriminação, a indiferença com os pobres — cf. Tg 2,1-8. O culto eucarístico que encobre os mecanismos de exploração é

Terminando, a *última ceia* é símbolo, esperança, missão e utopia de um dia todos os filhos e filhas do Pai se sentarem à mesa para comerem a comida do Reino. Até que isso não aconteça, fica o trabalho de resistir e lutar contra todas as exclusões e mortes injustas. Sem participações fraternas, livres, justas e felizes à mesa, a Eucaristia não passa de um culto idolátrico, farisaico e excludente — como diz o sacerdote Camilo Torres: *A comunidade cristã não pode oferecer de maneira autêntica o sacrifício, se antes não realizou de modo efetivo, o preceito do amor ao próximo.*²⁹ E mais. Frente a um sistema capitalista neoliberal que tende a reduzir as pessoas humanas a uma situação de massificação e exploração, empobrecimento e exclusão, continua sendo profundamente revolucionário afirmar que o Deus Pão da Vida se torna presente em nossa história quando as pessoas encontram uma vida digna e justa por estarem comendo juntas esse Deus que quer alimentar todas as corporeidades. Há que entender que a *superação do capitalismo pressupõe o redescobrimento de uma verdade muito antiga: a boa vida não consiste na acumulação de bens ou na negação da nossa corporeidade, mas sim no prazer de saciarmos a nossa fome de pão e do calor humano em torno de uma boa mesa com os amigos.*³⁰ A Eucaristia é também o banquete das bodas que preanuncia a verdadeira e definitiva fraternidade, solidariedade humana (Lc 22,30).

²⁹ Cf. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*, op. cit., p. 218.

³⁰ Cf. J. MO SUNG, *Corpo, cristianismo e capitalismo. TEMPO E PRESENÇA*, 296 (1997), p. 13.

3.2. Eucaristia: Solidariedade Fraterna com os Pobres

Um dos grandes desafios para as comunidades cristãs é viver e refletir a Eucaristia a partir da vida e do mundo dos empobrecidos e excluídos. Isso na linha de que ninguém pode ficar excluído do banquete da vida (Jo 10,10). A ceia tem que ser experiência de koinonia (comunhão) e de Diakonia (serviço), preferencialmente em relação aos sofredores. Por isso Paulo critica duramente aqueles que, na assembléia, durante a ceia, humilham e desprezam os que *nada têm* (1Cor 11,22). Além disso, uns comem a ponto de não sobrar comida para outros (1Cor 11,21), o que torna a ceia não experiência de salvação, mas sim de condenação (1Cor 11,28-29). Maneira de negar a proposta do sonho da mesa compartilhada, das relações humanas e sociais fraternas e justas, o que dificulta testemunhar a solidariedade fraterna universal.

Na prática de Jesus a mesa é o sinal de superação das divisões, desigualdades e discriminações. Eucaristizar poderia significar banquetear numa mesa onde todos são iguais em direitos, em garantias de uma vida boa e justa, e com liberdade de participação. Para os primeiros cristãos estava claro de que *não havia*

³¹ Cf. I. MAZZAROLO, *A Eucaristia: memorial da nova aliança: continuidade e ruptura*. São Paulo, Paulus, 1999, p. 113.

*comunidade sem fração do pão, e não havia fração do pão se não houvesse comunhão de vida.*³¹ Nessa direção, o texto do evangelho que trata da multiplicação dos pães (Mc 6,34-44) exemplifica bem a respeito da participação indistinta ao pão partilhado.

Se a Eucaristia é fundamentalmente doar doando e reintegrar todos e todas num só corpo, participar do mesmo pão, viver a política da partilha, testemunhar a prática da verdadeira misericórdia, é importante, para que isso ocorra, a experiência da koinonia. Essa exprime a íntima união ou a comunhão das pessoas entre si e das pessoas com Deus. Koinonia é a *essência da solidariedade*.³² E ainda: a koinonia por seu dinamismo é expressão do *ter parte ativa*, o que equivale a viver a ajuda fraterna mútua, o compartilhar com os irmãos a mesma mesa comum, o assumir a opção pelos pobres, a vivência da fé apostólica, etc. Também por ser a koinonia o mesmo que solidariedade básica, a mesma se torna critério regulador de toda comunidade cristã.

A Eucaristia vivida como práxis fraterna e solidária, na preocupação do ser comunhão com e para o outro(a), pode e deve se concretizar a partir de uma verdadeira e profética predileção pelos empobrecidos (1Cor 11,30-32). A mensagem fundamental de Jesus é clarificada na parábola do juízo final. Todo ser humano será julgado não pela religião a que pertenceu, não pelas crenças ou ritos praticados, não pelo enquadramento à instituição religiosa, não pela perspectiva herética, não pelo zelo aos preceitos morais, mas sim, pela experiência do amor-solidário. O que tem valor absoluto é a prática da diaconia que se vive em atitudes como: *Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era estrangeiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente, e me visitastes, preso e viestes ver-me* (Mt 25,35-36). Enfim, o que salva é a práxis eucarística que se dá no amor ao pobre, oprimido, rejeitado e abandonado.³³ Num mundo em que os pobres vivem recolhendo as migalhas do festim da minoria privilegiada, fica como tarefa imperativa e séria o compromisso de se viver uma solidariedade política e transformadora da realidade. Ou seja: o banquete eucarístico, como memória do corpo doado de Jesus e de seu martírio (1Cor 11,23-26), não deve, pois, ser sinal da divisão social estabelecida no mundo, mas tornar-se, neste mesmo mundo, sinal de contradição. A Eucaristia, nesse sentido, denuncia a exclusão daqueles e daquelas *que nada têm*, dos que não significam nada para o mundo: os sem terra, os sem posse, os sem casa, os sem emprego, sem direitos, sem conta bancária, os sacrificados pelo poder econômico e político. Ao mesmo tempo, a Eucaristia no interior da comunidade

³² Cf. C. FLORISTÁN, *Teologia e pastoral da Eucaristia. A comunidade eucarística*. In VV.AA., *Os sacramentos hoje: teologia e pastoral*. São Paulo, Loyola, 1985, pp. 30-35.

³³ Cf. J. COMBLIN, *O caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo, Paulus, 2004, pp. 135-226.

anuncia a predileção de Deus pelos pobres e excluídos (1Cor 1,26-29). A ceia, como memorial do Senhor Jesus, torna-se sinal de novas relações (Lc 22,24-27), sinal de vida e esperança para os empobrecidos na história, fonte de missão profética, de vida solidária e de verdadeira unidade na comunidade.³⁴ Por isso a Eucaristia tem que se tornar fonte de vida dos pobres e excluídos no mundo em que vivemos.

A Igreja deverá compreender que na mesa pode se manifestar a máxima fraternidade e também a maior injustiça, a pior exclusão. O rico insensato pode banquetear sem se preocupar com os pobres — Lc 12,18-19; 16,13-31. Isso leva a concluir que a implantação do Reino se dá sempre na mesa em que os famintos são saciados — Lc 6,21. E ainda: se Jesus foi assassinado e se as comunidades primitivas foram perseguidas, uma das razões — para não dizer única — para isso foi a forma como se comia. Da parte de Jesus, é aceito, por exemplo, o convite para participar de uma mesa com pessoas diversas: pobres, pecadores, fariseus, discriminados, mal-vistos (Lc 5,29-30; 15,2; 19,1-10). Atitude que provocava conflitos.³⁵ Jesus justifica seu comportamento escandaloso a partir de sua profunda, verdadeira e excepcional experiência de um Deus humano e solidário; de um Deus que não aceita ou confirma as estigmatizações de grupos e de pessoas, pelo contrário, busca apaixonadamente reintegrar todos e todas, preferencialmente os últimos, na vida digna de Povo de Deus. Na solidariedade e na ternura, tem que se assumir a missão de reunir a humanidade na mesma mesa, procurando repartir o que se tem de forma fraterna e justa.

3.3. Eucaristia: partilha do pão da Justiça e da Utopia

A Eucaristia, além de ser uma experiência de fraternidade, ela tem que convocar para um movimento de *dentro para fora*.³⁶ Movimento que aponta para a dimensão escatológica da Eucaristia, vale dizer, a experiência do definitivo sinalizado no *hoje-aqui e agora* sacramental. É o saber viver e construir a justiça e a utopia de uma vida nova e de um mundo novo. Realidade presente no *Magnificat* — onde está presente a tensão escatológica da Eucaristia. Cada vez que o Filho de Deus se torna presente entre nós na *pobreza* dos sinais sacramentais, pão e vinho, é lançado no mundo o germe daquela história nova, que verá os poderosos *derrubados de seus tronos* e *exaltados os humildes* (cf. Lc 1,52). Maria canta aquele *novo céu* e aquela *nova terra*, cuja antecipação e em certa medida a *síntese* programática se encontram na Eucaristia.³⁷ A Eucaristia não pode dispensar nem pode substituir o compromisso com a justiça e a construção da utopia do Reino.

³⁴ XIV Congresso Eucarístico Nacional, *Eucaristia*, op. cit., p. 62.

³⁵ Cf. R. AGUIRRE, La mesa compartida. In VV.AA., *Exclusión social y cristianismo*. Madrid, Nueva Utopia, s/d, pp. 107-129. *Desde o início de sua militância, a partilha do pão foi a marca de Jesus (Lucas 1,53; 6,21). A comensalidade era a expressão vivencial mais característica de sua espiritualidade, para a qual havia uma íntima relação entre o Pai (o amor de Deus e a Deus) e o pão (o amor ao próximo). Pai Nosso e pão nosso. Deus só deve ser aclamado como 'Pai Nosso', na medida em que o pão não for só meu ou teu, mas nosso, de todos. É o que explica a ausência de preconceitos por parte de Jesus quando se tratava de sentar-se à mesa com pecadores e publicanos, ainda que isso lhe valesse a fama de 'comilão e bebedor' (Lucas 7,34; 15,2; Mateus 11,19). Cf. Frei BETTO, Entre a cruz e o pão, Texto inédito.*

³⁶ A Eucaristia representa, para Paulo, um duplo movimento. O primeiro é de fora para dentro, ou seja, deve ser precedida por uma fraternidade concreta, vivida no dia-a-dia da comunidade cristã. Esta fraternidade remete à fraternidade maior, à celebração verdadeira e própria da Ceia do Senhor. O segundo movimento é de dentro para fora, no sentido que a Eucaristia é a mola propulsora, o lugar do discernimento, do tomar novas posições para as transformações do mundo. Se não estiverem presentes estes dois movimentos, cai-se no ritualismo que asfixia e esteriliza. Cf. J. BORTOLINI, Eucaristia sem fraternidade, op. cit., p. 8.

³⁷ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, op. cit., n. 58.

Quando se celebra a Eucaristia é de suma importância entender que o pão econômico é o mesmo pão eucarístico. No Missal Romano lemos: *Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos, e para nós vai se tornar pão da vida.* Sem o pão econômico é impossível ter o pão eucarístico! Aqui surgem questões como: qual o critério para discernir a retidão ética do que se oferece? Deus se encarna no pão injusto? Nosso culto é eucarístico ou idolátrico? Um povo sem cidadania como pode justa e utopicamente celebrar?

Se o pão real e econômico é o que pode favorecer o pão eucarístico, o pão econômico não pode ser pão do roubo, da expropriação e da injustiça. Para que o pão se torne o próprio corpo do *Cordeiro imaculado* tem que ser pão da vida, pão que tenha saciado, alimentado, negado a negação da morte, da necessidade, da dominação, do pecado; pão de justiça. (...) Quem, então, oferece a Deus um pão roubado ao pobre, oferece a Deus a vida do pobre. O pobre é o *filho...* e o celebrante... que oferece tal pão arrebatado na injustiça ao pobre oferece ao Pai (Deus) a própria vida de seu filho: *é sacrificar o filho na presença de seu pai.* O pai que deseja perversamente o sacrifício de seu filho, que deseja seu sangue, não pode ser um Pai de amor, mas um ídolo sanguinário, Moloch, Mammon, o Dinheiro.³⁸ A Eucaristia, para não ser um culto idolátrico, deve ser celebrada com o pão de justiça, da partilha, do amor — At 2,44-46.

Nas comunidades primitivas o pão eucarístico era o que saciava a *necessidade de cada um*, que era comida não na opressão ou na tristeza, mas sim, na *alegria* e na *simplicidade de coração* e na experiência de comunitariedade. *É a utopia do cristianismo originário e a utopia do Reino último; é o horizonte de compreensão crítica de todo sistema econômico histórico, justiça como condição prática de possibilidade da celebração eucarística que salva.*³⁹

A Eucaristia é missão do partir e do partilhar. Partir o pão justamente é o primeiro passo para a construção da utopia cristã (Jo 10,10). Partilhar o pão é a concretização real dessa utopia, ou a visibilidade da mesa partilhada que é o sonho de Deus (Is 25,6-8).

A utopia começa com o pão, dom de Deus e tarefa humana. Por isso Jesus nos convida, na Eucaristia, a sermos pão: comunitário e justo para ser pão doado, partido e partilhado. Pão da alegria de uma ceia, para ser festa e anúncio de uma vida humana e social nova, e de um mundo onde todos(as) possam participar desse banquete.

Nessa direção se pode afirmar que a *celebração eucarística prenuncia a ordem querida por Deus, porque, só quando todos*

³⁸ Cf. E. DUSSEL, O pão da celebração, op. cit., p. 204.

³⁹ Idem., pp. 204-205.

tiverem, como na mesa eucarística, igual acesso à comida e a bebida, aí sim, nós poderemos nos reconhecer como irmãos e testemunhar a paternidade de Deus. Porque o sacramento é sacramento não é alguma coisa que se esgota em si, é sinal de uma realidade muito maior. Não só do ponto de vista transcendente — aí está a presença viva do Senhor — mas do ponto de vista imanente — aí está a exigência de uma nova ordem de coisas. Quer dizer, o sacramento é alguma coisa que nos alimenta em função da conquista de um mundo justo, de um mundo livre, de um mundo onde haja paz, onde haja igualdade, onde haja respeito, onde não haja discriminação, injustiça, exploração. Para isso serve o sacramento.⁴⁰ Por isso a eucaristia é um caminho em direção à Terra prometida, uma antecipação da chegada, um já e um ainda não.⁴¹

Partindo dessa visão do sacramento, a comunidade cristã no atual contexto neoliberal não pode estar alheia aos sofrimentos das pessoas simples e marginalizadas, oprimidas e excluídas. Há que trabalhar através das lutas pela defesa e promoção dos direitos básicos para todas as pessoas. O tema da satisfação das necessidades básicas dos pobres e excluídos devem ocupar lugar central na luta pela construção de uma sociedade mais humana e justa, sustentável social e ambientalmente. Daí a importância de garantir a cidadania para o nosso povo. *Em nossa sociedade, marcada pela desigualdade, há muitos que produzem o pão, mas não podem comê-lo, porque privados de sua cidadania. Pensar a Eucaristia a partir da cidadania é reconhecer a dimensão profética do pão eucarístico. Dele decorre a responsabilidade de contribuir para a construção de uma sociedade sem exclusões, alicerçada na prática da justiça, sinal do Reino de Deus.*⁴²

A Eucaristia tem que ser celebrada também partindo da utopia de que *um outro mundo é possível*. Celebrar a partilha do pão justo exige saber esperar e crer que se pode esperar na novidade de Deus para todos(as). A partir da esperança eucarística a Igreja pode refazer e formular a esperança da vida liberta e de um mundo mais bonito e justo possível — acredita-se que o carrasco não triunfará sobre os vitimados.

Essa esperança-certeza dá luz, força e alternatividade para nossa vida cristã. Eucaristia é uma aprendizagem da esperança. Porém, com a consciência de que devemos ter os pés no chão para não desvirtuarmos da lucidez do que é factível na atual realidade. Ou nas palavras de Mo Sung:

O dever ético e profético de denunciar as injustiças e opressões e anunciar um outro mundo nasce também do nosso desejo de vivermos em um mundo mais justo e melhor para todos/as. Entretanto, devemos ter claro que nem todos os

⁴⁰ Cf. Frei BETTO, Jesus Cristo: o pão da vida. In VV.AA. *Jesus Cristo a vida do mundo*. São Paulo, Sagarana, 1984, p. 62-63.

⁴¹ Cf. A. PAOLI, *Fraternidade no mundo*. Exigência da Eucaristia. São Paulo, Paulinas, 1980.

⁴² XIV Congresso Eucarístico Nacional, *Eucaristia*, op. cit., p. 70.

mundos que desejamos são possíveis. Isto é, um outro mundo desejado não significa que será possível só pelo fato de que o desejamos, pois nós seres humanos somos capazes de desejarmos coisas que estão além das nossas possibilidades. Entretanto, utopias — essas imaginações de um mundo perfeito, mas impossível — são necessárias para que possamos ter um horizonte de sentido que nos permite criticar o mundo atual e nos possibilita também fazer projetos alternativos de sociedade.

Por mais que desejemos que o nosso desejo utópico se realize, precisamos ter o realismo histórico para percebermos os limites da condição humana e da natureza e lutarmos por projetos históricos factíveis. Quem luta por realizar desejos impossíveis comete erros que não lhe permitem construir um projeto alternativo possível.⁴³

⁴³ Cf. J. MO SUNG, *Economia e espiritualidade*, op. cit., p. 119-120.

⁴⁴ *Viver é acontecer. E a meta do acontecer humano, como afirma E. Bloch, não é o absurdo e o vazio, mas um futuro vislumbra-do como plenitude. Não somos projeto realizado, nem realidade acabada. Acontecemos. Somos mera possibilidade que desqualifica o refúgio em um passado protetor ou em um presente institucionalizado. Viver é antecipar cada dia um fragmento do futuro que perseguimos, mais esperado que conhecido. O futuro, não o conhecemos, o criamos e cremos na penumbra do instante presente. Cf. A. BRIGHENTI. Esperança e utopia. In VV.AA., *A esperança dos pobres vive*. São Paulo, Paulus, 2003, p. 370.*

E ainda, viver eucaristicamente a utopia é procurar entender que a vida boa e feliz é uma construção contínua, projeto sempre não acabado, futuro não conhecido na sua totalidade.⁴⁴ Enfim, viver no esperar e na esperança, num mundo de eutopia (feliz lugar) e de distopia (mau lugar), exige praticar o exorcismo de toda tirania do agir humano que tente impedir florescer a novidade de Deus para o seu Povo.

Em nossa realidade social e política, onde a lógica sistêmica hegemônica e excludente condena à imprescindência dois terços da humanidade, existe também lutas de resistências que garantem o cultivo da esperança e da utopia. Pelo fato de o cristianismo ser uma experiência de fé utópica — Jesus orienta a vida do Povo para a plena realização do Reino — a motivação está sempre presente nas comunidades cristãs. Essa motivação pode ser vista nas seguintes reivindicações e lutas: na obstinação dos povos indígenas pela *Terra sem males*; na luta do povo negro contra as discriminações e as sujeições; dos pobres *sem terra* lutando pela reforma agrária; pela organizações populares que visam promover os direitos humanos e sociais; nas iniciativas de emancipação das minorias e das maiorias (homossexuais; idosos(as); deficientes; mulheres oprimidas e empobrecidas); pelas comunidades cristãs inseridas no meio popular que vivem a profecia de denunciar tudo o que atrapalha a humanização da vida humana.

Celebrar a Eucaristia a partir da justiça e do saber construir a utopia cristã implica trabalhar em prol da humanização da Humanidade, submetida hoje à tentação de negar o pão de direito e de justiça para a grande maioria do povo, à tentação de promover a ideologia do ter, do privilégio, do lucro contra as necessidades elementares para qualquer povo. Há que descobrir que o grande compromisso eucarístico na atualidade

passa pela conquista de uma civilização da partilha e das *re-surgentes fraternuras*, uma civilização onde *caibam todos e todas* — um mundo sem Lázarus e sem Epulões, como diz dom Casaldáliga.

CONCLUSÃO: EUCARISTIA, ANTECIPAÇÃO DOS SINAIS DO REINO

Acredito que, a partir do refletido fica para os cristãos(ãs) e as comunidades cristãs o desafio de construir na perseverança, na resistência, na luta solidária, na teimosa esperança, experiências eucarísticas capazes de organizar o Povo de Deus em vista da preparação de uma bonita, alegre e justa festa de bodas (Mt 22,2; Ap 19,9) para os filhos e as filhas do Pai. Onde se possa testemunhar a fartura do pão, a experiência de fraternura, a conquista da inclusividade dos fracos e excluídos, e o acontecer da libertação integral para todos e todas. Maneira de fazer florescer a utopia da Boa-nova de Deus para toda a humanidade. Caso contrário, as celebrações eucarísticas não passariam de mero formalismo ou até mesmo de uma profanação do corpo de Deus.

Nesse sentido, todo ser humano está convidado a ser um autêntico testemunho e um verdadeiro compromisso com a *transubstanciação* do pão material em um Deus vivo, encarnado e libertador de todas as corporeidades humanas vitimadas. Ou nos termos de Antônio Haddad:

*Uma Igreja transubstanciada seria aquela cujas características... (sejam): capaz de ser sinal real de Cristo, de seu mistério, de sua libertação para o homem de hoje. A transubstanciação em verdadeira koinonia, através da martyria, traduz-se concretamente na diakonia e sinaliza-se ritualmente na liturgia. E uma sociedade transubstanciada seria aquela vere, realiter et substantialiter justa e fraterna, à luz das perspectivas eucarísticas...: anúncio, libertação e comunhão.*⁴⁵

Maneira de crer e de professar que Deus é o Pão da Vida para o mundo!

⁴⁵ Cf. A. HADDAD, *Eucaristia e compromisso social*. São Paulo, Loyola, 1985, pp. 244-245.